
SUCESSAO EPISCOPAL E CONFLITOS RELIGIOSOS NOS FILMES**AGOSTINO D'IPONA (1972) E ÁGORA (2009)****EPISCOPAL SUCCESSION AND RELIGIOUS CONFLICTS IN THE MOVIES
AGOSTINO D'IPONA (1972) AND ÁGORA (2009)**Paulo Duarte Silva¹Bruno Gonçalves Alvaro²

RESUMO: A investigação acerca da atuação de bispos na condição de líderes citadinos no decorrer dos séculos IV-VII vem assumindo crescente importância historiográfica. De fato, neste período, como efeito das transformações provocadas pela *Revolução Constantiniana* surgem efetivos governos bispais urbanos. Pode-se observar que a temática recebeu alguma atenção da indústria cinematográfica. Nestas linhas, propomos o exame da atuação de Teófilo e Cirilo e, por outro lado, de Agostinho, respectivos representantes das sedes episcopais de Alexandria e Hipona entre os séculos IV e V. Para tal, cotejamos os filmes *Agostino d'Ipona* (Itália, 1972) e *Ágora* (Espanha, 2009) à luz das considerações historiográficas referentes ao período mais amplo da Primeira Idade Média e aos seus governos bispais. Interessa-nos considerar a sucessão episcopal e os conflitos religiosos retratados em ambos.

PALAVRAS-CHAVE: Episcopado; Cinema; Idade Média.

ABSTRACT: The investigations on the role of bishops as urban leaders over the IV-VII centuries have been recently receiving increasing historiographical attention. Indeed, during that period, as an effect of the transformations caused by the *Constantine Revolution* effective urban episcopal governments arose. One can notice that this theme has received some attention from the movie industry. Here we intend an exam on the role of Theophilus and Cyril, and on the other hand, Augustine, the respective representatives of the episcopal sees of Alexandria and Hippo between the fourth and fifth centuries. To this, we compare the films *Agostino d'Ipona* (Italy, 1972) and *Ágora* (Spain, 2009), relating them to the historiographical considerations on the Early Middle Ages and on the episcopal urban role. We are interested in the episcopal succession and in the episodes of religious conflicts exposed.

KEY WORDS: Bishopric; Movie Industry; Middle Ages.

(recebido em 22/01/2013, aprovado em 10/04/2013)

1 Doutorando PPGHC/UFRJ. Pesquisador PEM-UFRJ. Bolsista FAPERJ.

2 Doutorando PPGHC/UFRJ. Pesquisador do Vivarium – Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo (Núcleo Nordeste).

Considerações iniciais

Revolução Constantiniana e o poder episcopal

O período entre os séculos IV e VII foi decisivo para uma série de transformações sociopolíticas e culturais ocorridas no Império Romano que marcariam a sociedade medieval em formação. Sem desconsiderar a desarticulação político-administrativa da *pars occidentalis* – e a sucessiva formação de reinos romano-germânicos –, interessa-nos aqui destacar o processo de fortalecimento político e social da Igreja, sob a égide da *Revolução Constantiniana*³ que, em poucos séculos, permite-nos considerar os bispos como “os verdadeiros responsáveis pelas cidades”.⁴

Como veremos, embora viessem acumulando atribuições junto às comunidades cristãs desde fins do século II – que ultrapassavam suas primeiras funções, de caráter administrativo –, os bispos só se tornariam lideranças espirituais e pragmáticas incontestes a partir das prerrogativas que lhes foram gradualmente concedidas por Constantino e os demais imperadores cristãos.⁵ O tema do governo cidadão episcopal é, portanto, caro aos historiadores que se debruçam ao estudo da Igreja e do cristianismo,⁶ sobretudo quando remete ao período da Antiguidade Tardia ou, como preferimos, Primeira Idade Média.⁷

3 VEYNE, Paul. *Quando nosso mundo se tornou cristão [312-324]*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 11-31, 123-41; CAMERON, Averil. Church and Society. In: _____. *The Mediterranean World of Late Antiquity AD 395-600*. Nova York: Taylor & Francis, 2001. p. 57-80.

4 GENET, Jean-Phillipe. Estado. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 398.

A exploração desta temática vai ao encontro ao nosso objeto de pesquisa de doutorado, qual seja, o processo de organização do calendário litúrgico na Primeira Idade Média – comparando os sermões festivos de Leão de Roma e Cesário de Arles –, dos quais os bispos ocidentais se encarregaram entre os séculos IV e VI.

5 Vale lembrar que tais benefícios não foram concedidos de modo unívoco e reunido. Além disso, significaram que, ao mesmo tempo em que se colocavam sob o amparo imperial, os bispos podiam ser vítimas da crescente ingerência dos imperadores – tema particularmente sensível quando das grandes controvérsias dogmáticas dos séculos IV e V. LIZZI TESTA, Regina. The Late Antique Bishop: Image and Reality. In: ROUSSEAU, Phillip (ed.). *A Companion to Late Antiquity*. Oxford: Blackwell, 2009. p. 530-1.

6 RAPP, Claudia. *Holy Bishops in Late Antiquity: The Nature of Christian Leadership in an age of transition*. Berkeley, Los Angeles, Cambridge: University of California, 2005. p. 3-22.

7 Seguimos a cronologia proposta por Hilário Franco Junior, que identifica o período entre os séculos IV e VIII como Primeira Idade Média. Descartamos, com isso, a noção de *Antiguidade Tardia*: em que pese seus méritos, refutamos sua predileção quase exclusiva pelo Oriente mediterrânico e, por extensão, sua frequente negligência aos processos políticos e culturais do Ocidente, bem como para os riscos de generalização e para a imprecisão cronológica desta

Vale lembrar que as pesquisas históricas sobre a trajetória da Igreja podem ser divididas em duas perspectivas: **a)** de um lado, a *História Eclesiástica*,⁸ perfilada aos representantes de ordens e instituições católicas contemporâneas, de cunho devocional e apologético; **b)** de outro, a *História da Igreja*, vinculada à “história das religiões”, sem qualquer reserva apologética,⁹ a qual nos vinculamos, considerando a pertinência do estudo da instituição eclesiástica a partir de referenciais das demais ciências sociais.¹⁰

Mediações entre História Medieval e Cinema

No que se refere à relação entre Idade Média e Cinema, pode-se considerar que, em geral, o período histórico possui apelo especialmente por ser considerado como a “gênese” das nações contemporâneas europeias e do cristianismo ocidental e ainda por seu apelo “infantil”, de refúgio às

abordagem. FRANCO JR., Hilário. *A Idade Média: O nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 198; MARCONE, Arnaldo. A Long Late Antiquity? Considerations on a Controversial Periodization. *Journal of Late Antiquity*, Maryland, v.1, n.1, p. 5-19, 2008; JAMES, Edward. The Rise and Function of the Concept 'Late Antiquity'. *Journal of Late Antiquity*, Maryland, v.1, n.1, p. 20-30, 2008.

8 Por *História Eclesiástica* consideramos o *gênero literário* difundido por autores da Igreja oriental como Eusébio de Cesareia e outros, no Oriente e no Ocidente. Este *gênero* teria precedentes no Velho Testamento, na obra de Flavio Josefo, nos Atos dos Apóstolos e na obra do historiador pagão Diógenes Laércio, visando enfatizar a ortodoxia doutrinária e a sucessão apostólica que garantiam a liderança dos partidários do catolicismo contra perseguidores e hereges.

Este *gênero* teria como fundamentos o uso de ‘textos sagrados’ como evidência de uma *concepção de História* com: origem (Gênesis); meta (Reino De Deus); momento de inflexão (nascimento do Cristo); noção providencialista do governo divino sob o mundo; interrelação contínua (e sensível) entre dogma e fato; necessidade de relacionar os eventos eclesiásticos locais ao corpo universal da Igreja. MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. Historia Eclesiástica e Historia de la Iglesia. In: MARTÍNEZ SAN PEDRO, Maria D.; SEGURA DEL PINO, María D. (orgs). *La Iglesia en el mundo medieval y moderno*. Almería: Instituto de Estudios Almerienses, 2004, p. 13-4; MOMIGLIANO, Arnaldo. As origens da historiografia eclesiástica. In: Idem, *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 187-212.

9 MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. Op. cit., p. 18.

10 Em nosso doutorado, articulamos tais premissas aos conceitos de *poder simbólico*, *habitus* e *campo*, de Pierre Bourdieu, cujas obras constam na bibliografia.

cobranças contemporâneas.¹¹ Ainda que não com o mesmo entusiasmo, a produção cinematográfica também se interessou pela crescente ingerência urbana dos bispos. Das películas por nós conhecidas que tomaram, *in loco*, o papel dos bispos na condução das comunidades religiosas e das cidades, destacamos *Agostino d'Ipona* (1972, Itália, 121 minutos) e *Ágora* (2009, Espanha, 127 minutos).¹²

A análise da atuação episcopal por meio destes dois filmes é pertinente, por um lado, por propiciar a interlocução entre *História* e *Cinema* e, sobretudo, por favorecer a reflexão acerca da correlação entre cristianismo e a *História da Igreja*: neste caso, acreditamos que o artigo possa servir especialmente como material de apoio a professores universitários que estejam interessados em tomar os filmes como *ponto de partida* para a reflexão sobre a organização da Igreja e do episcopado na Primeira Idade Média. Tal como salientou José Baldissera, diante da difusão do recurso fílmico em salas de aula de escolas e universidades, se reconhece que a narrativa cinematográfica cria certo interesse que não necessariamente se tem com o texto escrito.¹³

Muito além do tom anedótico ou desprezioso com o qual se pode correlacionar diretamente História e o material oriundo do Cinema, esta aproximação presume uma dada disposição metodológica quanto a este tipo de recurso.¹⁴

11 Trata-se de reconhecer que o Cinema dialoga preferencialmente com a *medievalidade* – na qual “a Idade Média aparece apenas como uma referência, e por vezes uma referência fugidia, estereotipada”. MACEDO, José R. Cinema e Idade Média: Perspectivas de abordagem. In: ____, MONGELLI, Lênia M. (orgs.). São Paulo: Atelier, 2009. p. 16. Deste modo, os filmes que dialogam com o período medieval abordam personagens como Joana D’Arc, El Cid, membros do Ciclo Arturiano, São Francisco, além de uma literatura fantástica fundada pela pena de J. R. R. Tolkien. MACEDO, José. Op. Cit., p. 16-8, 28-33; BALDISSERA, José Alberto. Ideias (visões) de Idade Média no Cinema. Aedos, Porto Alegre, v. 2, n 2, p. 130-5, 2009.

12 Entre as demais produções cinematográficas por nós conhecidas que se interessaram pela liderança religiosa destacam-se *Celui que doit mourir* (1957), o documentário inglês *Dancing with the Devil* (2009) e, por fim, o filme *Santo Agostinho: O Declínio do Império Romano*, produzido pela emissora italiana RAI (2010). O primeiro aborda os conflitos entre os membros de uma comunidade ortodoxa e as autoridades turcas em inícios do século XX, ao passo que o segundo retrata as relações entre um pastor evangélico e líderes do narcotráfico da Baixada Fluminense (RJ). O último parte dos últimos dias de Agostinho como bispo de Hipona para, em retrospectiva, retratar períodos progressos da vida cristã do prelado.

13 BALDISSERA, José. Op. Cit., p. 128. E, por isso, menos como ponto de apoio ao estudo da produção cinematográfica nas décadas de 1970 e 2000.

14 Deste modo, “o filme adquiriu de fato o estatuto de fonte preciosa para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, dos valores, das identidades e das ideologias de uma sociedade ou de um momento histórico. (...) Os vários elementos da confecção de um filme - a montagem, o enquadramento, os movimentos de câmera, a iluminação, a utilização ou não da cor - são elementos estéticos que formam a linguagem cinematográfica, conferindo-lhe um significado específico que transforma e interpreta aquilo que foi recortado do real”. KORNIS, Mônica A. História e Cinema: um debate metodológico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 239, 1992.

Kornis nos lembra ainda que “é preciso reconhecer que existe uma manipulação ideológica prévia das imagens, assim como uma articulação da linguagem cinematográfica com a produção do filme e com o contexto de sua realização”.¹⁵ Assim, admitimos que os filmes *históricos* escolhidos são produções ficcionais contemporâneas premidas por interesses institucionais e financeiros, que expressam muito mais as opções estéticas e políticas de seus respectivos diretores e produtores do que o ambiente cultural mediterrâneo de fins do século IV e das primeiras décadas do século V.

Apesar disso, ambas as películas escolhidas se ampararam – ao menos parcialmente – em pesquisas historiográficas¹⁶ para fundamentarem suas escolhas em bases mais factíveis para a construção de suas narrativas.

Comparativismo e objetivos

Nas últimas décadas a História tem buscado novos campos de investigação e experimentação – dos quais o *comparativismo* é um dentre tantos –,¹⁷ e a aproximação com o universo cinematográfico corresponde a um dos filões de maior interesse acadêmico. Tendo como referência os aspectos destacados, dois fenômenos chamaram nossa particular atenção nos referidos filmes: **a)** os processos de *apontamento e sucessão episcopal* ocorridos em Hipona e Alexandria; **b)** os *episódios de intolerância e conflitos religiosos* nas respectivas dioceses. A escolha por esses dois elementos justifica-se pela importância que ambos assumem na constituição dos governos episcopais.¹⁸

¹⁵ KORNIS, Mônica. Op. Cit., p. 139-40. Macedo nos alerta para a necessária leitura da “dupla narrativa” intrínseca aos filmes de reconstituição histórica, qual seja, o cuidado (maior ou menor) que os diretores e produtores tem em condensar personagens e eventos de matiz histórico em uma trama de apelo (geralmente romances) ao grande público contemporâneo MACEDO, José. Op. Cit., p. 18-9.

¹⁶ Tal diálogo mais detido entre Cinema e historiografia é a exceção, não a regra. Diante do apelo que a *medievalidade* tem para a produção cultural contemporânea – basta lembrar, por exemplo, da indústria de jogos eletrônicos –, as recentes discussões historiográficas tem pouca inserção na produção fílmica. Dentre os filmes que se propuseram a conduzir sua narrativa de modo mais atento às contribuições de pesquisadores podemos citar *Le Moine et la Sorcière* (1987), *O Retorno de Martin Guerre* (1982) e, em especial, *O Nome da Rosa* (1986). MACEDO, José. Op. Cit., p. 26-9; cf. BALDISSERA, José. Op. Cit., p. 132-3. Isso não significa a adoção de uma postura que busque destacar os “acertos” ou “erros” históricos eventualmente cometidos pelas equipes responsáveis pela produção dos filmes em questão. Os filmes, evidentemente, não são produzidos para substituir as análises históricas. O diálogo entre a produção cinematográfica e a História tanto mais rico será quanto mais rapidamente reconhecer as especificidades destes dois âmbitos.

¹⁷ BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Unesp, 2000. p. 39-46; KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond [Comparação e Além, trad. Maria Elisa Bustamante]. *History and Theory*, Middletown, v. 42, pp. 39-44, 2003.

¹⁸ Problemas que não surgem com a Revolução Constantiniana, embora tenham se agravado desde então. FERNÁNDEZ UBIÑA, José. Paz y conflictos en el cristianismo primitivo: el papel de los obispos. In: LÓPEZ SALVÁ,

Assim, cabe perguntar: a partir dos filmes, como podemos relacionar os aspectos do poder episcopal que nos interessam – a saber, as sucessões episcopais e os episódios de intolerância – às interpretações historiográficas supracitadas, de modo a atender as demandas de um curso letivo ou de uma palestra voltada ao público universitário?

Como esperamos evidenciar, a imagem *apologética* de Agostinho apresentada em seu filme contrasta com a caracterização *vil* atribuída a Teófilo e, sobretudo, Cirilo na outra película, cabendo-lhes o papel de verdadeiros *warmongers* cristãos em Alexandria. Se o filme mais recente apresenta um retrato sem reservas institucionais ou confessionais – ao contrário, enfatizando elementos negativos da conduta dos bispos alexandrinos –, por outro lado, *Agostino d'Ipona* se ampara em uma descrição apologética e, por isso, perfilada à *História Eclesiástica*.¹⁹

Sobre os filmes

Agostino d'Ipona

Os filmes estão inscritos no mesmo contexto geral – qual seja, o avanço do cristianismo em meio às transformações políticas e sociais pelas quais passou o Império, sobretudo a *pars occidentalis* – e, particularmente, na década de 390.²⁰ Assim, optamos por apresentar os filmes em ordem de publicação.

Dirigida por Roberto Rossellini, a produção italiana *Agostino d'Ipona* – traduzida para o português como “Santo Agostinho” – tem Dary Berkani no papel principal e outros atores de televisão e do cinema italiano. O filme faz parte de uma série para a televisão (emissora RAI) sobre os ‘grandes pensadores’ e, por isso, pode ser enquadrado naquilo que Macedo, seguindo Bretéque, definiu como *filme de personagem histórica*,²¹ embora devamos considerar que o didatismo excessivo da obra torna alguns diálogos absolutamente inverossímeis.

Mercedes (ed.). *De cara al Más Allá: Conflicto, convivencia y asimilación de modelos paganos en el cristianismo antiguo*. Zaragoza: Pórtico, 2010. p. 13-50.

19 Conferir Anexo 1: Quadro Comparativo. Vale uma vez mais lembrar que somos nós a projetar essa associação, atentos a determinados objetivos didáticos supracitados: tal preocupação possivelmente não passou pela cabeça de Amenábar e de Rossellini.

20 O primeiro evento datado do filme italiano é a morte de Valério de Hipona (ca. 396), ao passo que o filme espanhol identifica o ano de 391. Seguimos Peter Brown na cronologia da vida de Agostinho. BROWN, Peter. *Santo Agostinho: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 226.

21 MACEDO, José. Op. Cit., p. 29, 32-3.

Rodada em Pompéia, a película percorre o período que vai da ascensão de Agostinho ao episcopado de Hipona à confecção da obra *Cidade de Deus* (ca. 413-425). Em diversas passagens, a indicação de editos imperiais ou a menção de imperadores permite-nos balizar o ano retratado. Quanto à vida pregressa do bispo, é mencionada sua estadia em Milão e Roma, seu contato com Ambrósio – pelo que se depreende de seu ditado à redação da obra *Confissões* – e ainda seu envolvimento com o maniqueísmo, denúncia feita pelo bispo donatista da cidade.

Em síntese, o filme retrata os desafios enfrentados pelo bispo à frente de sua comunidade cristã, seus contatos com ricos mercadores e patrícios, com as autoridades políticas, a violência provocada pelos “hereges” donatistas e por monges eremitas, bem como o embate intelectual travado com grupos da elite pagã. Estes últimos são os mais dominados pela sensação de insegurança e pessimismo que perpassa as personagens da obra. O *turning point* do filme parece-nos ser o saque de Roma (410), que motiva o bispo de Hipona a pensar na confecção da *Cidade de Deus*.

Ágora

Em parte financiado pela emissora espanhola *sobrecable*, sob direção de Alejandro Amenábar, o drama histórico *Ágora* – traduzido como “Alexandria” – narra a trajetória da filósofa, matemática e astrônoma Hipácia entre 397 e 415, quando de sua morte. Embora não apresente as turbulências políticas enfrentadas pelo Império do Ocidente, o filme valoriza e mesmo alardeia os conflitos religiosos e políticos vividos na cidade egípcia, considerada o núcleo do helenismo.²²

Eventos como a destruição do *Serapeu* e do *Museu* por ordem de Teófilo são sintetizados, assim como as sucessivas determinações de editos imperiais – que ora amparam os pagãos, ora os cristãos –, a morte do referido bispo e a ascensão episcopal de Cirilo, além do próprio linchamento de Hipácia tornam possível balizar cronologicamente a obra. Dois eixos conduzem a narrativa: de um lado, os desafios enfrentados pela astrônoma em sua busca por desafiar o cânone astronômico *geocêntrico* firmado por Euclides e, sobretudo, Ptolomeu; de outro, a crescente ingerência política dos bispos Teófilo e Cirilo nos assuntos citadinos de Alexandria, para prejuízo de pagãos e judeus.²³

22 MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 159-60.

23 Em meio a tudo isso, Hipácia é “disputada” pelo amor de Orestes, ilustre que viria a ser prefeito da cidade, e de seu escravo Davos, que se converte ao cristianismo em momento dramático e virulento. Tal disputa não encontra respaldo em qualquer uma das fontes do período, sendo portanto fruto da escolha de Amenábar.

Embora interessante e denso – ao explorar as aflições e questionamentos, o empirismo, a criatividade e a importância do acaso para o estudo científico – o primeiro eixo não encontra qualquer base documental; o último, por sua vez, é referendado por fontes eclesiásticas e é precisamente este que mais nos interessa.

Rodado em Malta, o uso de tecnologia CGI²⁴ em *Ágora* enriqueceu as possibilidades de reconstituição de monumentos e espaços públicos que não existiam na década de 1970, bem como as pesquisas históricas e as inovações arqueológicas permitiram um grande detalhamento de cenários e vestuários, além de possivelmente contar com orçamento mais generoso. As possibilidades visuais foram, certamente, maiores no caso do último filme.²⁵

Atuação episcopal em comparação Indicação e sucessão episcopal

As primeiras cenas do filme *Agostino d'Ipona* retratam a ascensão de Agostinho ao cargo episcopal, após indicação feita pelo então bispo Valério pouco antes de sua morte, sendo *recusada* pelo primeiro sob alegação de que não possuiria dignidade nem capacidade para ocupar tal cargo, e aceita por Agostinho após a pressão da comunidade de fiéis e do colegiado de bispos da região que, *consensualmente*, o teria apontado. Agostinho chega mesmo a mencionar sua vida pregressa, frisando seu envolvimento com o maniqueísmo e a corrente filosófica pagã neoplatônica – então em voga.

Este trecho remete a diversas referências da literatura eclesiástica – notadamente hagiografias ou vidas de santo, manifestando-se como *topos* – em que o protagonista, ao ser apontado pela

24 Em português, “imagens geradas por computador”.

25 Observamos duas cenas recorrentes nos respectivos filmes: em *Agostino d'Ipona*, Rossellini apresenta em diversos momentos as estradas romanas, como metáfora para a resposta agostiniana ao dilema filosófico da relação entre livre-arbítrio e predestinação. O recurso sonoro é muito bem explorado pelo diretor italiano: este contrapõe os sons das cidades (multidões) aos sons das estradas (animais) e ambos ao “silêncio” monástico. Os dois primeiros se sobrepõem, insinuando a fluidez de fronteira entre *cidade* e *campo* característica das sociedades pré-industriais.

Em *Ágora*, por sua vez, Amenábar contrapõe a observação dos céus feita por Hipácia, seus alunos e seus escravos Davos e Aspásio às tomadas que mostram a Terra vista do espaço, geralmente com closes graduais até retornar à cidade egípcia, salientando o elemento investigativo da vida da filósofa. A utilização dessas tomadas externas (tanto em *zoom in* quanto em *zoom out*), somadas às tomadas aéreas, parece-nos reafirmar dois elementos. Por um lado, a “diminuta” importância dos assuntos mundanos (nos quais os bispos de Alexandria estão imersos) frente aos interesses científicos de Hipácia e, ao mesmo tempo, como uma “evidência” de que o modelo de *cosmos* ptolomaico, geocêntrico e perfeitamente pautado em círculos, encontra-se em dissonância com um *universo* em transformação, inclusive no campo político e social: neste sentido, é emblemática a cena dos fiéis cristãos arremessando os pergaminhos pagãos quando da destruição do Serapeu seguido de uma tomada “de ponta à cabeça”.

comunidade, recusa o cargo e/ou foge da cidade, sendo convencido posteriormente a ocupá-lo. A profusão destes relatos coincide com outros escritos patrísticos em que se assevera que os bispos considerem sua função não como uma honra, privilégio ou benefício, e sim como uma “tarefa nobre”.²⁶

A nosso ver, este *topos* visa a um só tempo disciplinar a atuação episcopal – atentando clérigos e fiéis aos riscos de excesso daqueles que estão no cargo – quanto, em especial, frisar a importância excepcional do cargo, em virtude de suas responsabilidades e cuidados espirituais junto à comunidade. Tal condição extraordinária é reforçada ainda pela noção de *consenso* também presente, que dirimia possíveis atritos de clérigos ou mesmo leigos recalcitrantes com a escolha, tal como afirmado por Gaddis e, em outro trabalho, Stocking.²⁷

De fato, *epískopos* designava, a princípio, aqueles responsáveis pela supervisão e provisão material das primeiras comunidades cristãs, auxiliados eventualmente por diáconos. As poucas menções nos primeiros escritos cristãos²⁸ sugerem que o cargo administrativo de episcopo era relegado frente aos anciãos, professores e profetas, que detinham as funções pastorais e espirituais.²⁹

Embora as evidências documentais estejam muito dispersas no espaço e no tempo, elas indicam a transformação do cargo episcopal entre os séculos II e IV. Assumindo a liderança dos assuntos litúrgicos e pastorais, delineando os limites canônicos e doutrinários, institucionalizando o processo eletivo e controlando as receitas comunitárias, o poder episcopal cresceu em meio à expansão do próprio cristianismo. No entanto, o poder dos bispos se afirmou efetivamente a partir do

26 RAPP, Claudia. Op. Cit., p. 166.

27 GADDIS, Michael. The Political Church: Religion and State. In: ROUSSEAU, Phillip (ed.). *A companion to Late Antiquity*. Oxford: Blackwell, 2009. p. 517; STOCKING, Rachel. *Bishops, councils and consensus in the Visigothic Kingdom, 589-633*. Ann Arbor: Univ. of Michigan, 2000.

Vale lembrar que o apontamento do sucessor episcopal não raro causava insatisfação entre clérigos relegados e fiéis, sobretudo quando o bispo indicado era estrangeiro ou quando se formavam efetivas *dinastias episcopais*, rompendo com princípios eletivos fundamentais. Este clima de animosidade era agravado, no Oriente, quando se acalravam os debates cristológicos e, no Ocidente, em meio à sucessiva ocupação pelos germanos. RAPP, Claudia. Op. Cit., p. 195-9, 202; NORTON, Peter. *Episcopal elections 250-600: Hierarchy and popular will in Late Antiquity*. Oxford, Nova York: Oxford University, 2007. p. 145-76.

28 Exceção feita à I Epístola a Timóteo, 3:1-7, na qual se descrevem as qualidades necessárias aos episcopos. Sabe-se que as epístolas a Timóteo compõem o conjunto denominado *epístolas pastorais*, cuja autoria não é mais seriamente conferida a Paulo, sendo alvo de intenso debate até serem aceitas no cânon. RAPP, Claudia. Op. Cit., p. 25; KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: História e Literatura do Cristianismo Primitivo, volume 2*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 3-12.

29 RAPP, Claudia. Op. Cit., p. 25-7.

início do século IV, na esteira da supracitada *Revolução Constantiniana*. Sob o amparo imperial, os bispos obtiveram diversos benefícios e privilégios, bem como ampliaram outros tantos.³⁰

Deste modo, a atuação episcopal foi fortalecida pela associação gradual da carreira eclesiástica aos grupos curiais e senatoriais; pela apreensão dos benefícios e ritos públicos pelos eclesiásticos – sustentados pelos ofícios municipais –; pela ampliação das isenções e doações, que aumentaram as bases materiais das igrejas; pela aproximação bispal das cortes imperiais, intensificando a diplomacia episcopal;³¹ e, por fim, pelo benefício de foro eclesiástico e asilo concedido aos bispos e aos cristãos.

Assim, os bispos assumiram boa parte das funções curiais, tornando-se de fato lideranças cidadinas.³² Seus *governos* promoveram a transformação do traçado urbano – deslocando, entre outros, a residência episcopal e a catedral para o centro das cidades; ampliando a assistência material, destinada não somente aos órfãos e viúvas, bem como aos prisioneiros, cativos, leprosos, mineiros, gladiadores, provendo-lhes comida, madeira, roupas e assistência jurídica; empregando as estradas e o correio imperial em seu proveito e de sua comunidade; e, sobretudo, expandindo a ação da *audientia episcopalis*.³³

Tal crescente ingerência cidadina pode ser observada em diversos momentos do filme italiano. O bispo de Hipona recusa *negociatas* com mercadores;³⁴ *aparta jogos violentos* entre crianças – inclusive porque envolvem apostas –; *julga questões patrimoniais* entre pagãos e cristãos; *intercede junto aos governadores de província e vicários* em favor dos cristãos, em meio a outras iniciativas.

30 BROWN, Peter. *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Presença, 1999. p. 42-51; FERNÁNDEZ UBIÑA, José. Op. Cit., p. 13-4, 46-7; LIZZI TESTA, Regina. Op. Cit., p. 527-9.

31 Vale lembrar que, ao passo que em *Agostino* o bispo de Hipona negocia com governadores imperiais (notadamente Marino), em *Ágora* é Sinésio quem negocia um acordo entre o prefeito Orestes e Cirilo.

32 Não raro, os bispos assumiam funções de defesa das cidades. Em certas regiões, chegaram mesmo a assumir a cunhagem monetária CASTELLANOS, Santiago. Obispos y murallas. Patrocínio episcopal y defensa urbana en el contexto de las campañas de Atila en las Galias (a. 451 d.C.). *Ibéria*, La Rioja, v.1, p. 167-74, 1998; GARCIA MORENO, Luis A. La Iglesia y el cristianismo en la Galesia de época sueva. *Espacio y tiempo em la percepción de la Antigüedad Tardía*, Murcia, v. 23, p. 39-55, 2006.

33 RAPP, Claudia. Op. Cit., p. 208-34; VEYNE, Paul. Op. Cit., p. 127-35. Sobre a *audientia episcopalis*, cf.: FERNÁNDEZ UBIÑA, Jose. Privilegios episcopales y genealogia de la intolerancia Cristiana en la epoca de Constantino. *Pyrenae*, Barcelona, n. 40, v. 1, p. 98-9, 106, 2009.

34 Transações comerciais e financeiras entre bispos e mercadores não eram incomuns no período. RAPP, Claudia. Op. Cit., p. 176, nota 27.

Em *Ágora*, por sua vez, evidencia-se a ambição de Cirilo em ascender ao cargo episcopal. Sob o apoio de seu antecessor Teófilo – tomando-lhe o *anel* e a *mitra episcopal* em seu velório –,³⁵ datado de considerável força econômica e de pessoal, amparado pelas centenas de membros *guarda parabolana*, “espécie de enfermeiros que funcionavam de fato como guarda armada do bispo”,³⁶ nos *milagres* de Amônio e na multidão de cristãos – quase todos miseráveis. Esta “turba” o aclama e de imediato Cirilo amplia o projeto de poder de seu antecessor, de modo a suplantá-lo os judeus e, sobretudo, o prefeito Orestes, inescrupulosa e violentamente.³⁷

Neste projeto, Cirilo foi amparado por poderosa e complexa estrutura de apoio material e de reforço às solidariedades entre os mais pobres, identificados em *Ágora* diretamente com o cristianismo. Como afirma Peter Brown, atenta aos interesses políticos e econômicos citadinos – nos quais os bispos assumem importância cada vez maior – a *caridade cristã* transformou as benfeitorias urbanas tradicionais do *evergetismo*: se a última se voltava às cidades e seus cidadãos, o “amor aos pobres” cristão priorizava os *miseráveis*, não sem antes fabricar uma imagem de passividade e onipresença que por muito tempo marcou as considerações historiográficas referentes ao período.³⁸

Através de modestas medidas de ajuda mútua, as comunidades cristãs passaram a garantir uma margem de independência financeira aos mais humildes, em um ambiente economicamente hostil. Oferecendo esmolas e uma oportunidade de emprego aos membros mais desprovidos, judeus e cristãos – neste caso, sobretudo Teófilo e Cirilo – podiam proteger seus correligionários do empobrecimento e, portanto, de uma vulnerabilidade total face aos empregadores ou aos credores pagãos.³⁹

35 Sem que o filme mencione a eliminação daqueles que se opuseram à escolha de Cirilo, após a morte de seu tio Teófilo, quando o primeiro suprimiu a facção do arcediago Tiago. Pelas províncias que lhes eram sujeitas, Teófilo estabeleceu ainda um rígido controle do apontamento episcopal aos seus aliados, para o qual contou com o apoio de Sinésio de Cirene, seu “vigário” informal, igualmente retratado na película (. MORESCHINI, Claudio, NORELLI, Enrico. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina*, tomo 2. São Paulo: Loyola, 2000. p. 221; NORTON, Peter. Op. Cit., p. 167-8.

36 MORESCHINI, Claudio, NORELLI, Enrico. Op. Cit., p. 221. Cf.: NORTON, Peter. Op. cit., p. 4.

37 MORESCHINI, Claudio, NORELLI, Enrico. Op. Cit., p. 221; SIMONETTI, Manlio. Cirilo de Alexandria. In: DI AGOSTINO, Angelo. (org.). *Dicionário Patrístico de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 296-7.

38 BROWN, Peter. *Poverty and Leadership in the later Roman Empire*. Hanover, NH: University of New England, 2002. Op. 1-16. Tal imagem de passividade popular miserável não corresponde à ação da “turba” retratada em *Ágora* e aos miseráveis donatistas em *Agostino*.

39 BROWN, Peter. *Poverty and Leadership...*Op. Cit., p. 45-51; DANTAS, Marcos. O massacre de Hipácia: ensaio sobre um roteiro para a barbárie. *Revista Versus*, Rio de Janeiro, v. 6, 2011, p. 61.

Após se tornar governante *de fato* de Alexandria, Cirilo ampliaria sua influência pelo Oriente, digladiando teológica e politicamente com as sedes de Constantinopla e Antioquia— eventos não apresentados na película.⁴⁰ Amparado pela documentação, o filme retrata Cirilo como membro de uma família de *carreiristas* que, apoiados pelos benefícios do encargo episcopal, afirmam um perigoso e projeto de poder, cujas vítimas mais famosas foram Hipácia e o Serapeu:

Em 391, esse templo [Serapeu] será devastado por turbas cristãs, açuladas por Teófilo, que põem fogo em sua importante biblioteca, anexa ou extensão da de Alexandria, e arrastam pelas ruas da cidade, emulando um linchamento, partes desmembradas da gigantesca estátua do deus. Serápis juntou-se, simbolicamente no sacrifício, a Jorge da Capadócia, a Hipácia, ao niceno Protério (em 457), e a outros.⁴¹

Atuação episcopal e conflitos religiosos

Outro traço marcante estabelecido pelas películas é a relação dos bispos com manifestações de intolerância e violência, notadamente de caráter religioso. Embora retrate a crueldade das lideranças imperiais pagãs – que levam o governador da província da África e cristão à morte –, no filme *Agostino d'Ipona* o principal foco de intolerância fica por conta de grupos donatistas.

Movimento dito *cismático*,⁴² o donatismo marcou as dioceses africanas nas primeiras décadas do séc. IV. Nesta dissensão, a forte resistência africana à presença dos romanos – que remete, no limite, ao período das “Guerras Púnicas” – soma-se ao ressentimento de grupos de clérigos e fiéis ultrajados com a aproximação com o Estado imperial iniciada por Constantino, após a feroz repressão aos cristãos promovida por Diocleciano. O donatismo teve considerável força na região, ativo durante

40 MORESCHINI, Claudio, NORELLI, Enrico. Op. cit., 222. Dantas reduziu as questões doutrinárias em ebulição no período a mero apanágio para o debate político e a disputa pelo poder, o que é refutado por pesquisadores como Averil Cameron. DANTAS, Marcos. Op. Cit., p. 66; CAMERON, Averil. Op. Cit., p. 66.

41 DANTAS, Marcos. Op. Cit., p. 64.

42 Gerard Bonner propôs uma distinção dos termos *cisma* e *heresia*, ainda que reconheça que esta definição não é inapelável: “Deste modo, enquanto cismáticos deixam a Igreja, heréticos são eventualmente expulsos desta”. BONNER, Gerard. *Dic Christi Veritas Ubi Nunc Habitas: Ideas of Schism and Heresy in the Post-Nicene Age*. In: KLINGSHIRN, W., VESSEY, M. (orgs.). *The Limits of Ancient Christianity: Essays in Late Antique Thought in Honor of R. A. Markus*. Ann Arbor: The University of Michigan, 2002. p. 65 (tradução nossa).

todo o episcopado de Agostinho, a par da repressão sofrida junto ao Estado imperial (e expresso em breve *mea culpa* realizado no filme).⁴³

Salientamos a peculiaridade da caracterização dos grupos donatistas. Embora pelo exame documental seja possível atribuir-lhes protagonismo em episódios de violência e atentados promovidos contra os cristãos nicenos africanos – tal como mostra o filme –, estes são retratados com trejeitos exagerados ou taciturnos,⁴⁴ portando roupas escuras e se reunindo secretamente. Tal representação coaduna-se às imagens que passariam a ser imputadas “tradicionalmente” aos *hereses* pelos autores patrísticos – entre os quais o próprio Agostinho –, a partir das denúncias sofridas pelos montanistas, novacianistas e maniqueístas.⁴⁵

No filme italiano, outro foco de atrito entre Agostinho se dá com os pagãos, associados preferencialmente às classes curiais e nobiliárquicas. De acordo com Peter Brown, em que pese o avanço do cristianismo desde as primeiras benesses de Constantino, na primeira metade do século IV teria permanecido uma relativa neutralidade na vida pública, e as fronteiras entre *cristãos* e os ditos *pagãos* eram ainda imprecisas e transponíveis. Somente a partir das sucessivas crises da segunda metade do século, com o gradativo avanço “bárbaro” nas fronteiras, os pagãos passaram a *responsabilizar os cristãos* pela crise moral e militar romana, debochando da *tempora christiana*.⁴⁶

O filme demonstra o crescente incômodo de Agostinho com tais provocações, que não ficaram sem resposta. Para Brown, a argumentação que faltava a Agostinho para a construção do edifício teórico que justificaria a intervenção eclesiástica, dispensando mesmo o Império Romano, veio após o “oportuno” saque de Roma por Alarico (410) com a publicação da *Cidade de Deus*. Nesta obra, empenhou-se em inscrever o caráter *circunstancial e histórico das civilizações* (“Jerusalém terrena”) no

43 FRANGIOTTI, Roque.. Donatismo: A Grande Crise da Igreja Africana. In: _____. *História das Heresias (sécs. I-VII): conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 61-74; LIZZI TESTA, Regina. Op. Cit., p. 527-8.

44 Sobretudo Macróbio, bispo donatista da cidade.

45 ESCRIBANO PANO, Maria. Herejia y Poder en el s. IV. In: CANDAU MORÓN, José M. et alii. (orgs). *La Conversión de Roma: Cristianismo y Paganismo*. Madri: Clássicas, 1990. p. 154-7; VAN DAM, Raymond. *Leadership and community in Late Antique Gaul*. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California, 1992. p. 81-2; FERNÁNDEZ UBIÑA, José. Paz y conflictos en el cristianismo primitivo...Op. Cit., p. 30-2. Além disso, no filme Agostinho os despreza por considerá-los arrogantes em sua presunção de que seriam estes próprios donatistas mais santos e perfeitos que os outros, capazes de garantir sua salvação, esquecendo-se de que os cristãos não são artífices de sua salvação. Em geral, tal consideração agostiniana recai sobre outro grupo herético, denominado *pelagianista*. BROWN, Peter. *A Ascensão do Cristianismo*...Op. Cit., p. 66-8.

46 Id, 1999, p. 64. No mais, os pagãos debochavam constantemente das lutas internas entre cristãos, o que também foi retratado na produção italiana.

plano salvífico cristão (“Jerusalém eterna”) (Idem, p. 70). A última e exaltada fala de Agostinho no filme – já envelhecido – remete aos textos do *sermão ao Saque de Roma* e da *Cidade de Deus*.

No caso de *Ágora*, a densa discussão travada entre pagãos e cristãos feita em Agostinho é substituída pela apresentação de Teófilo e Cirilo como líderes fanáticos que, provocados ou não, lançavam-se de modo desmedido contra pagãos, vitimando os supracitados monumentos e personagens, contribuindo mesmo para a obliteração “científica” ao incitarem a reação popular contra Hipácia.

Outras vítimas da ação dos bispos alexandrinos seriam os judeus, pivôs da cultura helenística irradiada da cidade egípcia, fortes rivais dos cristãos na questão do amparo social, sendo parcialmente expulsos da cidade.⁴⁷

Neste sentido, cabe destacar um último aspecto, relativo ao papel da educação e da pregação em meio aos conflitos religiosos nos respectivos filmes. Reiterando o caráter apologético da produção, Agostinho é retratado em permanente contato com manuscritos, dita obras, cita autores romanos “antigos”, prega constantemente, chegando mesmo a dedicar seu tempo à educação dos catecúmenos – ou seja, os candidatos ao batismo, à época em sua maioria adultos –, o que por certo corresponde à sua excepcional capacidade e produção intelectual.⁴⁸

Em suas pregações, os bispos de Alexandria, por sua vez, instigam a destruição de estátuas e manuscritos pagãos, além de instrumentos científicos e astronômicos. Somente em três momentos pregam, sendo que em apenas um destes a pregação não estaria inserida em um contexto de disputa política.⁴⁹ É emblemático o fato de que o filme retrate Cirilo envergando como único livro e fonte de

47 MORESCHINI, Claudio, NORELLI, Enrico. Op. cit., 221; BROWN, Peter. *Poverty and Leadership*..., Op. Cit., p. 1-2.

48 Embora não dominasse o grego, atribui-se ao bispo de Hipona um volume incrível de obras: 200 cartas, 500 sermões, 300 tratados. INÁCIO, Inês, LUCCA, Tânia R. de. *O Pensamento Medieval*. São Paulo: Ática, 1994. Op. 20. Atento ao caráter didático dessa série de filmes, Rossellini cita no decorrer do filme parte das obras que compõem o *corpus* agostiniano: sua “regra monástica”; “A verdadeira religião”; “O Costume dos Maniqueus”; “Contra os acadêmicos”; “O livre Arbítrio”; “A Imortalidade da Alma”; “Os atos das disputas contra os Maniqueus”; além de citar textualmente trechos de suas duas obras mais conhecidas, *As Confissões* e *A Cidade de Deus*. Agostinho cita ainda autores e obras pagãs, tais como Plotino, Apuleio (“De deo Socratis”), Catão, Juvenal e Salústio, ao passo que os ilustres pagãos de Hipona citam a “Oração a Cibele” do imperador Juliano; a “Profecia das Sibilas”; “De rerum natura” de Lucrécio e a “Eneida” de Virgílio.

49 Trata-se da pregação de Cirilo, que lê trechos do sermão da Montanha (Mt. 5:1-12). Nesta cena, de forte apelo emocional, o ‘fazedor de milagre’ Amônio começa a convencer o escravo pagão Davos do verdadeiro milagre cristão, qual seja, a caridade. GORGULHO, Gilberto da S., STORNILO, Ivo, ANDERSON, Ana F. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. Op. 1710-1.

autoridade a Bíblia – e, em específico, I Tim. 2: 9-11⁵⁰ – para submeter os demais membros da cúria de Alexandria e, sobretudo, colocar a população contra o prefeito Orestes e Hipácia, muito embora se atribua a ambos diversos escritos e que se saiba que Cirilo tinha conhecimento de obras ditas “profanas”.⁵¹

Assim, se a pregação agostiniana é associada ao perdão e à conciliação – isto é, instigando os cristãos a “dar a outra face”–; a pregação dos prelados alexandrinos se inscreveria em um discurso de poder inescrupuloso, que vitimaria pagãos, judeus e, sobretudo, o conhecimento filosófico e astronômico.⁵²

Conclusão

Neste artigo comparamos as caracterizações dos bispos representados nos filmes *Agostino d'Ipona* e *Ágora*. Antes do mais, consideramos suas diferenças de natureza, sendo uma película definida como *de personagem histórica*, e a outra como *drama histórico*; em função disso, ponderamos sobre o protagonismo de Agostinho em contraposição ao papel secundário de Teófilo e Cirilo frente à Hipácia. Em seguida, examinamos os filmes em diálogo permanente com as contribuições historiográficas referentes aos aspectos elencados e aos episcopados cotejados, na expectativa de que tal comparação permita aos professores – sobretudo universitários – que se detenham no assunto possam enriquecer sua análise.

A guisa de conclusão frisamos que os dois filmes, *Agostino d'Ipona* e *Agora*, amparados nas pesquisas historiográficas, podem ser associados respectivamente às perspectivas da *História Eclesiástica* e *História da Igreja*. Assim, o primeiro foca a trajetória de um ilustre representante da Igreja, enaltecendo suas qualidades e; enquanto o segundo, distante da perspectiva apologética, volta-se mais especificamente às expressões da religiosidade e sociabilidade de populações e autoridades cidadinas, diante das quais lançam-se os ambiciosos e aparentados prelados.

Nesse sentido, as nuances valorizadas por Rossellini e o exagero depreciativo de Amenábar, manifestam-se, respectivamente, em tais narrativas com a ênfase conferida às virtudes agostinianas –

50 Id, 2006, p. 2070.

51 MORESCHINI, Claudio, NORELLI, Enrico. Op. cit., 221.

52 No filme, o intenso debate astronômico ó sobretudo aquele referente aos limites da teoria *geocêntrica* de Ptolomeu ó conduzido publicamente no Serapeu vai se esvaecendo, até se reduzir aos diálogos, cálculos e projeções realizados por Hipácia e seu escravo Aspásio, em sua residência.

uma espécie de consolo em um mundo em decadência –, em contraste com a caracterização dos bispos alexandrinos como *vilões* e *ignorantes*, especialmente hábeis na liderança de turbas de fanáticos em episódios de violência – sendo, assim, artífices da decadência científica e cultural do período.⁵³ Tal caracterização dos cristãos como *fanáticos* certamente contribuiu em parte a baixa arrecadação conseguida pela película, inclusive no Brasil (onde foi lançado diretamente nas locadoras).

Interessante perceber que, além do destaque dado às – extremamente – diferentes formas de *atuação bispal*, em ambos os filmes os bispos são obrigados a lidar com pagãos e outros grupos opositores, respectivamente *donatistas* e *judeus*, compondo em conjunto um importante quadro do cenário político e cultural das cidades no período da Primeira Idade Média.

Dessa forma, ao atentarmos para os filmes mais como um meio de abordagem da temática alusiva aos governos episcopais na passagem da Antiguidade à Idade Média – e, com isso, menos interessados nos desafios e escolhas das narrativas filmográficas contemporâneas –, apresentamos um quadro comparativo em que, reconhecida sua posição central nos assuntos citadinos, os bispos são retratados de modo bastante distinto. A nosso ver, tal contraposição enriquece as possibilidades que os professores dispõem para abordar tal tema, tendo-se em mente que o discurso fílmico é também um recurso a ser explorado didaticamente.

Bibliografia

- BALDISSERA, José Alberto. *Ideias (visões) de Idade Média no Cinema*. Aedos, Porto Alegre, v. 2, n 2, 2009, p. 128-141.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.
- BONNER, Gerard. *Dic Christi Veritas Ubi Nunc Habitas: Ideas of Schism and Heresy in the Post-Nicene Age*. In: KLINGSHIRN, W., VESSEY, M. (orgs.). *The Limits of Ancient Christianity: Essays in Late Antique Thought in Honor of R. A. Markus*. Ann Arbor: The University of Michigan, 2002. p. 63-79.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. *Razões Práticas sobre a Teoria da Ação*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- _____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Berthand, 2005.
- BROWN, Peter. *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Presença, 1999.
- _____. *Poverty and Leadership in the later Roman Empire*. Hanover, NH: University of New England, 2002.
- _____. *Santo Agostinho: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Unesp, 2000.

53 No diálogo final entre Hipácia e Orestes é significativo que a fala da filósofa e astrônoma – na qual reconhece que Cirilo já derrotou o prefeito – tenha como pano de fundo a estátua da loba amamentando Romulo e Remo, símbolo da cidade e da civilização romana. Trata-se de uma explícita alusão à ideia de que o Império decaía pela força da religião cristã, tema contemporâneo à derrocada do Império Romano do Ocidente, tal como observado em Agostino.

- CAMERON, Averil. Church and Society. In: _____. *The Mediterranean World of Late Antiquity AD 395-600*. Nova York: Taylor & Francis, 2001. p. 57-80.
- CASTELLANOS, Santiago. Obispos y murallas. Patrocinio episcopal y defensa urbana en el contexto de las campañas de Atila en las Galias (a. 451 d.C.). *Ibérica*, La Rioja, v.1, p. 167-74, 1998.
- DANTAS, Marcos. "O massacre de Hipácia: ensaio sobre um roteiro para a barbárie". *Revista Versus*, Rio de Janeiro, v. 6, 2011, p. 56-70.
- ESCRIBANO PANO, Maria. Herejía y Poder en el s. IV. In: CANDAU MORÓN, José M. et al. (orgs). *La Conversión de Roma: Cristianismo y Paganismo*. Madri: Clásicas, 1990. p. 151-89.
- FERNÁNDEZ UBIÑA, Jose. Privilegios episcopales y genealogia de la intolerancia Cristiana en la epoca de Constantino. *Pyrenae*, Barcelona, n. 40, v. 1, p. 81-119, 2009.
- _____. Paz y conflictos en el cristianismo primitivo: el papel de los obispos. In: LÓPEZ SALVÁ, Mercedes (ed.). *De cara al Más Allá: Conflicto, convivencia y asimilación de modelos paganos en el cristianismo antiguo*. Zaragoza: Pórtico, 2010. p. 13-50.
- FRANCO JR., Hilário. *A Idade Média: O nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FRANGIOTTI, Roque. Donatismo: A Grande Crise da Igreja Africana. In: _____. *História das Heresias (sécs. I-VII): conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 61-74.
- GADDIS, Michael. *The Political Church: Religion and State*. In: ROUSSEAU, Phillip (ed.). *A companion to Late Antiquity*. Oxford: Blackwell, 2009. p. 512-24.
- GARCIA MORENO, Luis A. La Iglesia y el cristianismo en la Galecia de época sueva. *Espacio y tiempo em la percepción de la Antigüedad Tardía*, Murcia, v. 23, 2006, p. 39-55.
- GENET, Jean-Phillipe. Estado. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 397-409.
- INÁCIO, Inês, LUCCA, Tânia R. de. *O Pensamento Medieval*. São Paulo: Ática, 1994.
- JAMES, Edward. The Rise and Function of the Concept 'Late Antiquity'. *Journal of Late Antiquity*, Maryland, v.1, n.1, p. 20-30, 2008.
- KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond [Comparação e Além, trad. Maria Elisa Bustamante]. *History and Theory*, Middletown, v. 42, 2003, pp. 39-44.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: História e Literatura do Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulus, v. 2. 2005, p. 1-17, 47-63, 176-236.
- KORNIS, Mônica A. *História e Cinema: um debate metodológico*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 237-50.
- LE GOFF, Jacques. Calendário. In: Idem, *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996. pp. 485-533.
- LIZZI TESTA, Regina. The Late Antique Bishop: Image and Reality. In: ROUSSEAU, Phillip (ed.). *A Companion to Late Antiquity*. Oxford: Blackwell, 2009. pp. 525-38.
- MACEDO, José R. Cinema e Idade Média: Perspectivas de abordagem. In: ____, MONGELLI, Lênia M. (orgs.). São Paulo: Atelier, 2009. p. 13-48.
- MARCONE, Arnaldo. A Long Late Antiquity? Considerations on a Controversial Periodization. *Journal of Late Antiquity*, Maryland, v.1, n.1, 2008, p. 5-19.
- MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. Historia Eclesiástica e Historia de la Iglesia. In: MARTÍNEZ SAN PEDRO, Maria D.; SEGURA DEL PINO, María D. (orgs). *La Iglesia en el mundo medieval y moderno*. Almería: Instituto de Estudios Almerienses, 2004, p. 13-28.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. As origens da historiografia eclesiástica. In: Idem, *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 187-212.
- MORESCHINI, Claudio, NORELLI, Enrico. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina, tomo 2*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- NORTON, Peter. *Episcopal elections 250-600: Hierarchy and popular will in Late Antiquity*. Oxford, Nova York: Oxford University, 2007.

- RAPP, Claudia. *Holy Bishops in Late Antiquity: The Nature of Christian Leadership in an age of transition*. Berkeley, Los Angeles, Cambridge: University of California, 2005.
- SIMONETTI, Manlio. Cirilo de Alexandria. In: DI AGOSTINO, Angelo. (org.). *Dicionário Patrístico de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 296-7.
- STOCKING, Rachel. *Bishops, councils and consensus in the Visigothic Kingdom, 589-633*. Ann Arbor: Univ. of Michigan, 2000.
- VAN DAM, Raymond. *Leadership and community in Late Antique Gaul*. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California, 1992.
- VAN EGEN, John. The Christian Middle Ages as an Historiographical Problem. *American Historical Review*, Blomington, vol. 91, n. 3, p. 519-52, 1986.
- VEYNE, Paul. *Quando nosso mundo se tornou cristão [312-324]*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ANEXO 1: QUADRO COMPARATIVO

	<i>Agostino d'Ipona</i>	<i>Ágora</i>
<i>Apontamento/ sucessão episcopal</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Sucessão</i> antecipada por Valério, que convida Agostinho a um co-bispado em Hipona - Protestos de Agostinho, recuperando o tema da <i>indignidade</i> frente ao <i>fardo episcopal</i> - Contestação de Macróbio, bispo donatista, à validade do batismo de Agostinho - Aclamação popular / consenso 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Sucessão</i> de Teófilo por Cirilo, aparentado seu - Tomada por Cirilo dos instrumentos/símbolos de poder (anel/mitra) - Aclamação popular / apoio da Guarda Parabolana (filme suprime resistência momentânea à ascensão de Cirilo) - Cirilo amplia o projeto de poder de seu sucessor: alvos passam a ser os judeus e, posteriormente, a cúria

<p>Conflitos religiosos</p>	<ul style="list-style-type: none">- Embate <i>intelectual</i> com pagãos (ilustres), no qual Agostinho mostra conhecimento de suas obras; tema da decadência moral em debate - Conflito <i>violento</i> contra donatistas, causadores da violência (especialmente os <i>circunceliões</i>) - Agostinho retratado como mediador e pacificador dos conflitos, negociando com donatistas e funcionários imperiais	<ul style="list-style-type: none">- Confronto com <i>pagãos e judeus</i> em plena <i>Ágora</i>, agressões dos cristãos às divindades pagãs e às práticas judaicas antecipam conflitos; destruição do Serapeu e expulsão dos judeus - Cirilo emprega a Bíblia como instrumento de poder e submissão dos membros curiais; conta ainda com o apoio popular e, sobretudo, dos <i>parabolanos</i> - Cirilo retratado como ambicioso e inescrupuloso representante <i>de fato</i> do poder citadino
------------------------------------	--	---